

350

A PROPÓSITO DO TESTAMENTO

DE

SIMÃO VAZ DE CAMÕES

PRIMO-COIRMÃO E HOMÓNIMO DO PAI
DE LUÍS DE CAMÕES

PELO

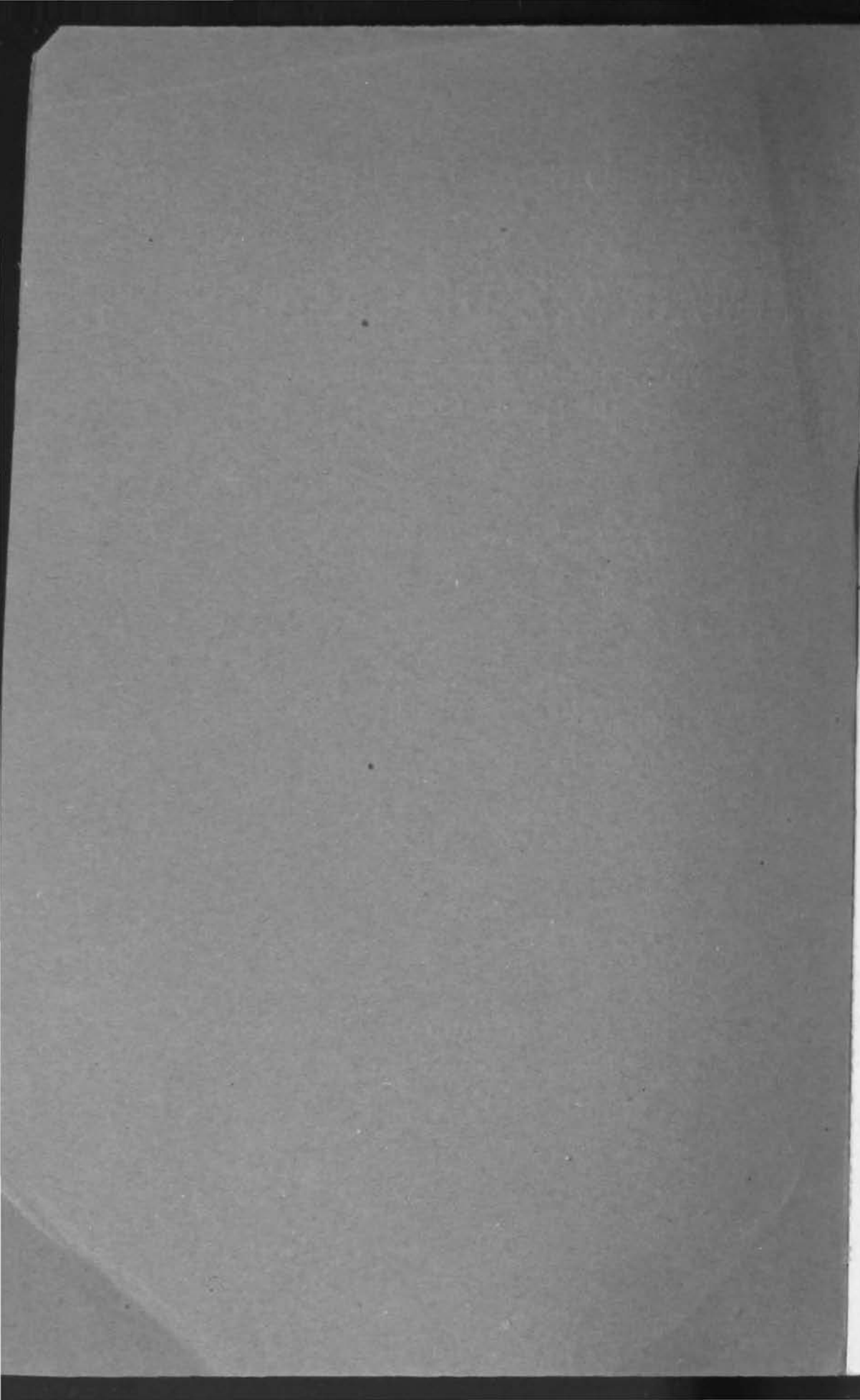
DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1933



A PROPÓSITO DO TESTAMENTO

DE

SIMÃO VAZ DE CAMÕES

PRIMO-COIRMÃO E HOMÓNIMO DO PAI
DE LUÍS DE CAMÕES

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHYSICS DEPARTMENT

LECTURE NOTES

PHYSICS 311

A PROPÓSITO DO TESTAMENTO
DE
SIMÃO VAZ DE CAMÕES

PRIMO-COIRMÃO E HOMÓNIMO DO PAI
DE LUÍS DE CAMÕES

PELO
DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES



COIMBRA
IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1933

ANNUAL REPORT OF THE COMMISSIONER OF THE GENERAL LAND OFFICE

FOR THE YEAR ENDING 31st MARCH 1904

Separata de *O Instituto*, vol. 84.º, n.º 5



LONDON: PRINTED BY THE GOVERNMENT PRINTER, 1904.

A PROPÓSITO DO TESTAMENTO DE SIMÃO VAZ DE CAMÕES, PRIMO-COIRMÃO E HOMÓ- NIMO DO PAI DE LUÍS DE CAMÕES

O ilustre professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Dr. Eugénio de Castro, descobriu no Arquivo distrital dos Próprios nacionais daquela cidade e acaba de publicar o testamento de Simão Vaz de Camões, filho de João Vaz de Vila Franca e irmão consanguíneo de Isabel Tavares, a «menina dos olhos verdes», a «Belisa», das *Líricas de Camões* (1).

É um importante serviço por S. Ex.^a prestado aos estudos camonianos, pois por êste documento se resolvem ou esclarecem alguns pontos obscuros ou controvertidos respeitantes aos parentes próximos do glorioso autor de *Os Lusíadas* e, num ponto capital, a êste mesmo.

É o que vai ver-se em uma rápida exposição.

I. — **Os ascendentes do testador.** — Embora não especifique o nome do pai, pois, como era natural, se refere a êle apenas pelas palavras «meu pai», Simão Vaz diz-nos expressamente como se chamava o avô paterno, era João Vaz

(1) *Testamento de Simão Vaz de Camões, descoberto e publicado pelo Dr. Eugénio de Castro, Professor da Universidade de Coimbra, sócio efectivo da Academia de Ciências de Lisboa. Coimbra Editora, 1932.* Tiragem à parte de um artigo publicado na «Biblos» de Maio-Agosto dêste ano.

de Vila Franca: «Para esta capela se trará a campa que está na sé, na cova de João Vaz de Vila Franca, meu avô» (pág. 13).

Até aqui, com êste qualificativo só era conhecido o João Vaz, pai do testador⁽¹⁾, pois é a êle que se referem os documentos I e II do estudo publicado pelo cónego Miguel Ribeiro de Vasconcelos no *Instituto*, de 1855, sob o título de *Apontamentos biográficos sobre o nosso insigne poeta Luís de Camões*⁽²⁾. Cf. também o doc. extratado a pág. 139.

Sob o n.º I são reproduzidas duas escrituras, datadas, uma de Coimbra, a 16 de Agosto de 1530, e outra de Lagos, em 12 de Junho do mesmo ano.

Na primeira, em que a segunda se acha encorporada, figura «o muito honrado João Vaz de Vila Franca, cavaleiro, cidadão da dita cidade» de Coimbra; na segunda são estipulantes, por um lado, Pero Vaz de Coimbra, escudeiro do conde de Monsanto, e sua mulher, e por outro, «João Vaz de Vila Franca, irmão do dito Pero Vaz, que presente estava e morava na cidade de Coimbra».

No documento n.º II aparece «Simão Vaz de Camões, fidalgo da casa de El-rei, ... por o qual foi dito ... que era verdade que Isabel Tavares, sua irmã, trazia por titulo de emprazamento em três vidas um assento de casas e quintal, ... as quais lhe ficaram por falecimento de João Vaz, seu pai, ... cidadão desta cidade (de Coimbra)».

Resulta da combinação dêstes documentos que o testador Simão Vaz de Camões, filho de João Vaz de Vila Franca,

(1) Ainda em 1917 escrevia o diligente investigador Jordão de Freitas: «Êste João Vaz de Camões — cuja ascendência ainda me não foi possível determinar e cujo grau de parentesco com o bisavô do Poeta igualmente desconheço» etc. *D. Bento de Camões e o príncipe dos poetas Lusitanos*. Lisboa, 1917, pág. 8, nota (2).

(2) Págs. 137, 151, 169. Há uma tiragem à parte, com a data de 1854 (Coimbra, Imprensa da Universidade).

era neto de outro João Vaz, chamado também de Vila Franca, que serão designados respectivamente por João Vaz I (o avô de Simão Vaz) e João Vaz II. E João Vaz I é um dos filhos de Vasco Pires de Camões, o fidalgo galego que se passou para Portugal no tempo de D. Fernando (1).

João Vaz II, além de ser pai do testador, Simão Vaz I (I, por causa do pai do Poeta), foi-o também do crúzio D. Bento, de que logo se falará, e de Isabel Tavares, a já referida «menina dos olhos verdes».

E João Vaz I, além de ser o progenitor de João Vaz II, foi-o também de Antão Vaz de Camões, de cujo filho Simão Vaz de Camões II (2), nasceu o Poeta.

Por aqui se vê também que Simão Vaz de Camões I, o filho de João Vaz de Vila Franca II, era primo coirmão de Simão Vaz de Camões II, netos ambos de João Vaz I, e que Isabel Tavares, filha do segundo matrimónio de João Vaz II com Branca Tavares, era prima coirmã, não do Poeta, mas do pai dêste.

Na conformidade do que fica exposto se devem corrigir algumas inexactidões, como as seguintes:

a) Para o cónego Ribeiro de Vasconcelos (artigo citado

(1) Sobre a procedência de Vasco Pires de Camões e a origem dêste apelido geográfico, veja-se o importantíssimo artigo publicado por Joaquim da Silveira na *Biblos* de 1927, vol. III, pág. 425 e segg. Vasco Pires de Camões tinha o seu solar na frêguesia chamada no século xiii Santa Eulália de Camones e hoje Santa Eulália de Camos, no vale do rio Minhor, nas proximidades de Baiona. O nome provém da ave ribeirinha camão. Ficam assim desfeitas tôdas as fantasias a respeito da ligação do apelido Camões com Camanho e do castelo de Camões junto do cabo de Finisterra, fantasias ainda perfilhadas por W. Storck (*Vida*, pág. 93 a 96).

(2) Foi Camilo Castelo Branco quem primeiro mostrou que, em face dos documentos que iam aparecendo, era necessário distinguir o Simão Vaz I do II. Fê-lo na versão portuguesa do *Dicionário da educação e ensino* de Campagne e depois nas *Noites de insónia*, de 1874, n.º 3, pág. 14.

do *Instituto* de 1855), Isabel Tavares era tia do Poeta, irmã do pai dêste.

É que o erudito cónego não faz ainda a distinção entre Simão Vaz I e Simão Vaz II.

É porisso também que para êle, e pelo mesmo motivo, Luis de Camões, filho de Simão Vaz de Camões, é neto de João Vaz de Camões (o João Vaz II) e não de António (Antão) Vaz, «como (acrescenta) o erudito bispo de Viseu diz sem prova alguma». A prova encontra-se no que dizem tôdas as genealogias do Poeta, a começar pela de Pedro de Mariz, na edição dos *Comentários* de Manuel Correia (1613).

b) «(Simão Vaz I) era talvez afillhado do pai do Poeta, filho de um primo em segundo grau, chamado Lopo Vaz, e coevo do grande épico» (W. Storck, *Vida de Camões*, tradução de D. Carolina Michaëlis, pág. 160).

É na descendência de Gonçalo Vaz de Camões, um dos filhos de Vasco Pires de Camões, que aparece mais de um Lopo Vaz⁽¹⁾, mas nenhum é o progenitor de Simão Vaz I. Deu origem ao equívoco o facto de Lopo Vaz I ter um filho chamado também Simão Vaz.

c) «O desculpável equívoco, originado pela homonímia (do Poeta) e do sobrinho Simão Vaz» etc. (D. Carolina, em nota ao passo citado de Storck).

Como fica dito, o pai do Poeta era primo coirmão e não tio de Simão Vaz I.

II. — **O crúzio D. Bento de Camões.** — No testamento de Simão Vaz de Camões encontra-se a seguinte verba: «Item, deixo a meu irmão Dom Bento, cónego do mosteiro de Santa Cruz, para suas necessidades, 20 cruzados; e sendo caso que o mosteiro onde estiver lhe não quizer dar licença para

(1) Veja-se Severim de Faria, *Discursos vários*, págs. 142-173, ed. de 1805).

os êle haver e gastar, à sua vontade, em tal caso que lhos não dêem».

É o mesmo D. Bento, de que se encontra a seguinte noticia no *Rol dos conegos regrantes de Santa Cruz*, de D. Gabriel de Santa Maria ⁽¹⁾, publicado pelo erudito e consciencioso Pedro de Azevedo no *Boletim da segunda classe da Academia das Sciencias*, tòm. XIII (1918):

«Ano de 1605... Em 25 de Novembro, dia de Santa Catarina, às 11 horas da noite levou o Senhor ao padre Dom Bento, professo dêste mosteiro de Santa Cruz; e pouco lhe faltava para ter 60 anos de hábito ⁽²⁾. Faleceu de velho... Era natural desta cidade de Coimbra, da mais honrada gente dela e teve um irmão muito privado do príncipe pai de El-rei D. Sebastião, que chamavam Simão Vaz de Camões».

E acêrca de outro D. Bento, que foi o primeiro prior geral de Santa Cruz e primeiro cancelário da Universidade, recentemente trasladada para Coimbra, dá-nos o *Rol* as seguintes informações: «Ano de 1547... Levou o Senhor o 2.º de Janeiro o padre Dom Bento, sacerdote que também o foi na vida, muito perfeito em tôdas as virtudes e santidade. E por assim ser, foi eleito depois da separação do mosteiro em geral, e foi o primeiro geral eleito canonicamente. Êste bemaventurado religioso teve 7 irmãos e todos eles por seus merecimentos, o foram também... e só um que lhe ficou o era na vontade, porque sempre chorava não

(1) D. Gabriel faleceu em 9 de Outubro de 1616, mas o *Rol* foi continuado até 1639.

(2) Estes anos de hábito, juntos aos que precederam a profissão, reportam-nos ao tempo em que deve ter nascido o Poeta.

Isabel Tavares não devia diferir muito de Camões na idade, como filha que era do segundo matrimónio de João Vaz II. É provável que fôsse irmã germana do cruzio. A diferença de apelido nada prova contra esta suposição.

o ser, e os mais foram da ordem do padre S. Francisco. A um deles chamavam Frei Cristóvão de Abrantes; foi commissário em êste reino, pôsto por o cardial D. Henrique, legado *a latere*. Costumava êste padre andar passeando e rezando em a capela mór ante a sepultura de el-rei D. Afonso Henriques todos días das 4 até às 5 da tarde, onde lhe appareceu uma vez o dito santo rei».

Vê-se, pelo que consta do *Rol*, que não havia parentesco entre o D. Bento, irmão de Simão Vaz de Camões, e o D. Bento, irmão de Frei Cristóvão de Abrantes e de mais seis frades franciscanos. A origem abrantina de Frei Cristóvão, que foi provincial da sua ordem⁽¹⁾, é atestada não só pelo *Rol*, mas por outras fontes, algumas das quais lhe dão o apelido de Almeida⁽²⁾: «Christophorus Almeida, Lusitanus, patria Abratensis (*sic*), professione minorita sub Joanne Rege III Portugallia»⁽³⁾. «Christophorus de Almeida, Lusitanus Abrantensis, ordinis Minorum, sub rege Joanne III». Nicolau António. *Bibliotheca Hispana Nova*. Tôm. 1, p. 236, da ed. de 1783. Cf. Barbosa Machado, na sua *Bibliotheca Lusitana*: «Fr. Christóvão de Abrantes natural da vila do seu apelido. O 16.º provincial da sua provincia».

A expressa afirmativa do *Rol* de D. Gabriel a respeito da procedência abrantina do irmão do primeiro prior geral de Santa Cruz e a circunstância de êste haver tido seis irmãos frades de S. Francisco, não impediu que o cronista dos Cruzios, D. Nicolau de Santa Maria, afirmasse terminantemente que o referido prior era de Coimbra, filho de António Vaz de Camões, neto de João Vaz de Camões, e

(1) Cf. Fr. Manuel de Monforte, *Crônica da provincia da Piedade*, pág. 426, 466 etc.

(2) Foi Jordão de Freitas quem primeiro chamou a atenção para esta circunstância.

(3) *Bibliotheca Universa Franciscana concinnata a R. P. Joanne Sancto Antonio, Salmantino. Matriti, 1732*. Tôm. 1, pág. 260.

irmão de Simão Vaz de Camões. «Foi o padre prior geral D. Bento natural de Coimbra, filho de António Vaz de Camões e de D. Guiomar Vaz de Camões, que tem uma capela em o claustro da sé de Coimbra, com um túmulo levantado de mármore, todo lavrado de figuras de meio relêvo, porque foi êste fidalgo pessoa notável assim nas guerras de África, como na paz... Teve o nosso prior D. Bento um irmão por nome Simão Vaz de Camões, que herdou a casa de seu pai... Faz menção do nosso prior geral D. Bento o *Agiológio Lusitano*, a 4 de Outubro (1)».

Comecemos pelo fim. O *Agiológio* fala efectivamente no prior geral D. Bento, mas enquanto à sua naturalidade diz apenas o seguinte: «Por mais que nos cansámos, nunca pudemos descobrir com certeza a pátria do servo de Deus D. Bento. Achamos porém indícios de ser de Coimbra» (tôm. 1, p. 41).

É muito pouco, para se poder aduzir esta obra em abono da origem conimbricense de D. Bento e sobretudo da família a que êle pertencia. E contudo na sua *História de Camões*, 1.^a parte (Pôrto, 1873), pág. 83, o Dr. Teófilo Braga começa assim um período: «De D. Bento de Camões se lê no *Agiológio Lusitano*». E G. Storck, fiado nestes dizeres, afirma, em nota da pág. 98: «Testemunha fidedigna, D. Nicolau de Santa Maria, refere-se na *Crónica dos Cônegos Regrantes*, ao filho segundo-génito (de Antão Vaz), dizendo: Foi o padre prior geral D. Bento...» E o ilustre camonista alemão transcreve o passo há pouco citado da *Crónica* e manda ver Braga, *História de Camões*, 1, p. 83 (2).

(1) *Crónica da ordem dos cônegos regrantes do patriarca Santo Agostinho*. Lisboa, 1668. *Segunda parte*, pág. 187 e segs. No prólogo declara D. Nicolau que lhe foram de grande ajuda os papéis e memórias que escreveram D. Teotónio de Melo, D. Gabriel de Santa Maria e D. José de Cristo.

(2) E em *Camões — Época e vida* (Pôrto, 1907), pág. 169, conti-

E desta maneira, o prior geral D. Bento, que nem era de Coimbra nem da família de Camões, passou a desempenhar um papel muito importante na educação do futuro Poeta.

Melhor teria feito o Dr. Teófilo Braga, se, em vez de pretender reforçar a autoridade do cronista crúzio e de assim induzir em erro o ilustre camonista alemão, melhor teria feito, repito, se reproduzisse o juízo que de D. Nicolau de Santa Maria tinha formado, por exemplo. João Pedro Ribeiro, o fundador da diplomática em Portugal. Eis o que êle diz, para não citar outras obras suas, nas *Observações históricas e críticas* (Lisboa, 1798), pág. 79 e seg. «Conhece-se bem que os mesmos (documentos)⁽¹⁾ foram fingidos ou interpolados com a mesma cláusula por aquele cronista e portanto o nenhum crédito que deve merecer qualquer outro documento que não tenha abonador mais verdadeiro que o mesmo D. Nicolau... É necessário verificar novamente quanto D. Nicolau avança. Eu não sou o primeiro que me atrevo a suspeitar da sua boa fé e verdade histórica. Sigo só as pisadas dos seus domésticos».

nua o Dr. T. Braga a dizer: ... «importa conhecer a individualidade de Bento Camões, tio do poeta e que tanta influência exerceu nos seus primeiros estudos». E cita as palavras já transcritas do *Agiologio Lusitano*, como se nêle se dissesse que o primeiro prior geral de Santa Cruz, D. Bento, era tio do Poeta. Há indícios de que êste D. Bento era de Coimbra; logo era de Coimbra, e se era de Coimbra, embora se lhe não saiba o apelido, era tio do Poeta. Ou não há lógica, ou estes raciocínios são irrespondíveis. E se o não fôsem, lá estava um obituário citado a pág. 171, que autentica o seu falecimento a 2 de de Janeiro de 1547: «Quarto nonas Ianuarii obiit *Benedictus Presbyter S. Crucis, qui fuit primus Generalis nostræ Congregationis*».

E assim se deu origem a um capítulo novo na história de Camões.

(1) Refere-se a alguns diplomas aduzidos pelo cronista com uma cláusula apócrifa.

É uma exautoração formal, feita por quem para isso tinha especial competência.

Fundado também nas apreciações de vários autores⁽¹⁾ a respeito de D. Nicolau de Santa Maria, diz Inocêncio, no artigo correspondente do *Dicionário bibliográfico*: «Suspeito na veracidade dos documentos que apresenta, ou seja por deliberação má fé, ou por falta de inteligência suficiente e de crítica sisuda, D. Nicolau de Santa Maria mereceu sempre pouco crédito como historiador e os seus contemporâneos protestaram desde logo contra as muitas inexactidões».

E no *Suplemento* à obra de Inocêncio acrescenta Brito Aranha: «Mais um exemplo frisante das falsificações cometidas por êste cronista pode ver-se no *Conimbricense* de 4 de Agôsto de 1874».

É tempo de arrumar de vez com as afirmações do tão pouco escrupuloso cronista crúzio, que, querendo honrar a sua congregação com um próximo parente do autor de *Os Lusíadas*, se não contentou com o obscuro D. Bento de Camões, filho de João Vaz de Vila Franca II, e irmão de Isabel Tavares e do irrequieto Simão Vaz I, mas, aproveitando-se da identidade do nome de baptismo do filho de João Vaz II com o do prior geral, D. Bento, fêz dêste abrantino irmão de Simão Vaz II, pai do Poeta.

Em conclusão: Nos dois ramos dos Camões de Coimbra — João Vaz I, João Vaz II, e seus filhos (Simão Vaz I, Bento de Camões e Isabel Tavares), por um lado, e João Vaz I, Antão Vaz, Simão Vaz II e Luís de Camões por outro, não tem cabimento o D. Bento, irmão de Fr. Cristóvão de Abrantes, primeiro prior geral de Santa Cruz e primeiro cancelário da Universidade recém-transferida.

(1) Além de João Pedro Ribeiro, cita Fr. Inácio da Graça, Cristóvão Alão de Moraes e Diogo Kopke.

III. — **Os casamentos do testador.** — Foram duas as mulheres com quem casou Simão Vaz I. Basta transcrever o epitáfio que êle quer se ponha na sua campa: «Na cova em que me deitarem se porá uma campa grande com um letreiro que diga: Aqui jaz Simão Vaz de Camões com sua mulher primeira, Joana Perestrela, e dona Francisca, segunda.

Esta D. Francisca, que, como se vê pelo testamento, tinha o apelido de Rebêla, foi a «testamenteira» e «universal herdeira de tôda a fazenda» de Simão Vaz, «para a lograr e fazer dela o que quisesse» (1).

Em 1584, D. Francisca, herdeira e sucessora de seu marido Simão Vaz de Camões, estava outra vez casada, agora com o sobrinho, Dr. Roque Pereira (2).

Fica assim, em parte, rectificado o que Camilo Castelo Branco assegurou em as *Noites de insónia* de Março de 1874 (n.º 3): «Simão Vaz de Camões, o libertino parente do Poeta, casou com uma sua criada e morreu sem descendentes. Esta é a verdade. Quem casou em Coimbra com Francisca Rebêlo, filha de Álvaro Rebêlo Cardoso, morgado das Caldas (3), foi Simão de Vasconcelos e não Simão Vaz».

A êste respeito afirma também D. Carolina Michaëlis, em nota à pág. 178 da *Vida de Camões* de G. Storck: «O nome da mulher de Simão Vaz é desconhecido. Pelo menos não se chamava Francisca Rebêla, nem era filha de Álvaro Cardoso ou Álvaro Rebêlo Cardoso, como diz Camilo Cas-

(1) Estas palavras não dizem tanto como parecem, segundo se vê por outras cláusulas: «Ela (D. Francisca) em sua vida há-de lograr tôda a dita fazenda e por sua morte há-de ficar tôda a dita fazenda obrigada à dita capela» etc.

(2) *Instituto* cit. de 1855, pág. 171.

(3) O Dr. Eugénio de Castro observa em nota que se alude às Caldas de Aregos.

telo Branco, o primeiro propagador da inexacta notícia... O lapso relativo ao nome da mulher procedeu da equivocação de dois nomes (Simão Vaz e Simão de Vasconcelos). Foi o último que casou com Francisca Rebêlo, filha de Álvaro Rebêlo Cardoso, morgado das Caldas, a qual, enviuvando, tornou a casar com Domingos Roque Pereira. Reproduzo as rectificações do próprio culpado (*Insónias*, III, p. 19)».

Pelos documentos que ficam transcritos vê-se: 1.º) que a segunda mulher de Simão Vaz de Camões se chamava Francisca Rebêlo; 2.º) Que esta, depois de viúva, casou com o sobrinho Dr. Roque Pereira, que decerto é o mesmo Domingos Roque Pereira, de Camilo Castelo Branco.

IV. — A data da morte de Simão Vaz. — Nada se sabia até aqui a êste respeito. O ano de 1584, que já foi aduzido, é o da data do documento citado na pág. 14, que dá já como efectuado naquele ano o casamento de D. Francisca Rebêlo com o Dr. Roque Pereira.

É pelo termo de abertura do testamento que sabemos ter Simão Vaz de Camões «falecido na guerra de Alcântara», isto é, ou na batalha dêste nome, travada a 14 de Agôsto de 1580, ou por ferimentos mortais nela recebidos.

E não temos motivo nenhum para supor que Simão Vaz não desse a vida pela independência da pátria.

V. — O túmulo de João Vaz de Vila Franca I na Sé de Coimbra. — Na *Vida de Camões*, p. 97, diz G. Storck: «O segundo filho (de Vasco Pires de Camões), João Vaz de Camões... viveu em Coimbra, onde tinha bens de raiz, occupando cargos importantes;... aí morreu e teve sepultura... Ainda em vida mandou construir uma capelinha funerária anexa à Sé (Velha) de Coimbra e dentro um túmulo sump-tuoso, levantado de mármore, todo lavrado de figuras de

meio-relêvo, e nos cantos duas maiores, com escudos das suas armas nas mãos, e em cima do túmulo a figura inteira do mesmo João Vaz, armado ao modo antigo com uma espada na mão e aos pés um rafeiro deitado. Em princípios do século xvii o monumento ainda existia, mas danificado e quasi tapado». O erudito professor alemão transcreve isto de Severim de Faria, parente dos Camões⁽¹⁾ e ainda podia remontar ao conimbricense Pedro de Mariz⁽²⁾.

Abramos agora o testamento do neto de João Vaz I: «Item, mando que meu corpo, quando dêste mundo minha alma partir, seja sepultado na igreja nova de S. Domingos desta cidade, até passarem minha ossada, juntamente com a de minha mulher D. Francisca à capela de N. Senhora do Rosário da igreja nova, que é nossa... Eu tenho assentado com o padre Fr. Martinho de Ledesma e com outros religiosos do mosteiro de S. Domingos de fazer uma capela no dito mosteiro e para isso me dão aquela capela de N. Senhora do Rosário, onde mando se leve a minha ossada e da dita minha mulher e assim a de Joana Perestrelo, minha primeira mulher e de meu pai e avós que estão enterrados em uma capela velha no claustro da Sé... E para esta capela (de N. Senhora do Rosário) se trará a campa que está na Sé, na cova de João Vaz de Vila Franca, meu avó, e a porão na dita capela... E a capela que a dita sua mulher

(1) Constança Pires, filha de Vasco Pires de Camões, casou com um fidalgo francês que combateu na tomada de Ceuta (1415), Pero Severim de nome, sendo provavelmente (segundo Juromenha, 1, pág. 13, e Braga, *Hist. Cam.*, 1, pág. 59) o bisavô de Manuel de Faria Severim, o autor da biografia do Poeta. G. Storck, *Vida etc.*, nota da pág. 97.

(2) Informa êste último a respeito do túmulo de João Vaz de Vila Franca I: «Está sepultado em capela própria no clustro da Sé de Coimbra, com um letreiro arrogante, das cousas que fêz em serviço de El-Rei». Ed. dos *Comentários* de Manuel Correia, 1613, prólogo.

houver de fazer, não se concertando com os frades, será nesta cidade onde ela quiser e não em outra parte» (1).

¿ Como conciliar a existência do sumptuoso túmulo, mandado construir por João Vaz I, com a cova em que este mesmo João Vaz estava enterrado, à data em que foi feito o testamento do neto? O mausoléu do bis-avô do Poeta será mais uma lenda que deve juntar-se a tantas outras em que tem andado envolvido o nome de Camões e o de alguns dos seus mais próximos parentes? Ou, designar-se-à o mausoléu pela palavra «cova»?

(1) Em nota acrescenta o editor do testamento: «Final a capela veio a ser instituída na igreja do Colégio da Graça de Coimbra.

